JornalComunicação

Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Maio/2022 • Distribuição gratuita

JORNALCOMUNICACAO.UFPR.BR

jornalcomunicacaoufpr

PANDEMIA

Como olhar adiante?

Após dois anos de restrições sanitárias, curitibanos voltam a ocupar espaços e agora precisam aprender a conviver com a covid-19. Nesta edição, abordamos os desafios da ressocialização, discutimos como a pandemia modificou a prática esportiva, o trabalho e as aulas presenciais. Apresentamos também possibilidades de contato com a arte pelas ruas da cidade

EDITORIAL

Reocupar

Os últimos dois anos foram marcados por uma pandemia sem precedentes. A covid-19 nos obrigou a mudar hábitos. Passamos a ficar em casa. Espaços que faziam parte do cotidiano ficaram vazios. Agora, vivemos um contexto em que a maior parte da população está vacinada, hospitais de campanha e alas médicas exclusivas foram fechadas e os números de mortes e casos graves da doença estão em queda. Acompanhamos o fim de decretos que regulavam a circulação das pessoas em Curitiba e os espaços da cidade voltam, gradativamente, a ser ocupados.

É a percepção de que a pandemia está mais próxima do fim que nos motivou a produzir esta edição do **Jornal Comunicação**, o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com cinco reportagens, mostramos como cada espaço está sendo reocupado, qual legado a crise sanitária deixa e como este período que demandou isolamento social modificou nossa relação com as pessoas e os ambientes.

Uma das reportagens nos leva para um passeio entre murais artísticos espalhados por Curitiba, revelando que as artes deixaram de pertencer exclusivamente a museus e galerias. Entendemos ainda como a prática de atividades físicas foram adaptadas para serem realizadas dentro de casa e como as pessoas estão retornando aos espaços esportivos. Expomos os benefícios da volta às aulas presenciais do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como debatemos a preferência pelo trabalho híbrido. Apresentamos, também, a visão de quem sente insegurança para sair de casa e tem dificuldades para retomar a socialização.

A situação desafiadora é alertada pelas declarações de diretores da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que a pandemia não acabou e ainda é preciso manter os cuidados. Como os pesquisadores são unânimes em enfatizar, reduzir a circulação do vírus – com barreiras como máscaras e limitação de público em ambientes – diminui o risco de surgirem novas mutações que podem resultar em uma variante resistente à vacina.

Apesar disso, durante a produção deste jornal, que volta a circular na versão impressa depois de dois anos, vimos o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras em ambientes abertos de Curitiba, que, posteriormente, se estendeu para locais fechados. Ao mesmo tempo, o Brasil registrou o primeiro caso da variante *XE*, de preocupação das autoridades de saúde, pois indica ter capacidade de propagação maior que a atual cepa predominante. A contraposição desses dois fatos representa a conjuntura que queremos explicitar: estamos passando por um período de incertezas, retomando ao que podemos chamar de "normalidade", como expresso pela charge de Chananda Lipszyc Buss (*abaixo*), enquanto nos adaptamos e aprendemos a conviver com este novo vírus.

> Estamos passando por um período de incertezas, retomando ao que podemos chamar de "normalidade"

Dessa forma, o nosso objetivo com com esta edição é instigar a reflexão sobre como moradores de Curitiba estão voltando à vida social, discutir sobre a reocupação dos espaços de uma metrópole e debater sobre um futuro, que esperamos ser próximo, de pós-pandemia.

Boa leitura.

OPINIÃO

Anos roubados

Mais de dois anos de pandemia. Deveriam fazer uma lei permitindo parar a contagem da idade. Nestes anos pouco vivi mesmo. Eles pouco viveram também, mas, pior, estão numa fase muito importante da vida: a faculdade. Universitários deveriam ter direito de voltar no tempo e viver tudo que a pandemia negou.

A faculdade é um momento singular. As pessoas começam a busca da identidade própria na pré-adolescência, aderem a símbolos, bens culturais, ideologias, estilos de vida, grupos sociais na busca da distinção (dos pais) e da identidade (com os colegas ou outros grupos sociais). Muitas vezes, é o início da vida sexual, as primeiras festas de virar a noite, tempo de sair de casa, viver numa república com colegas, beber cerveja barata com os amigos.

A faculdade destrói namoros. Um mundo de possibilidades se abre, os alunos mudam rapidamente, não são mais os mesmos do ensino médio, são jovens. O amadurecimento é intenso e acelerado. Quem é professor sabe: é possível ver as mudanças a cada ano. No final, encontram algo definidor da personalidade que começaram a buscar anos atrás. Quando o reitor diz "concedo-lhe o grau de bacharel em…", algo para vida toda entra pela porta. A colação de grau é um ritual de passagem para aqueles que um dia foram calouros e calouras. Agora, são profissionais. É o começo de uma carreira que vai durar muito tempo, é o começo da vida adulta de verdade, de se tornar independente da Universidade ou dos familiares, de fazer planos mais sérios.

Uma profissão, seja na área de saúde, humanas, tecnologia, exatas, agrárias, direito, educação, define muito de quem somos, não apenas porque há um modo de se vestir, de se falar, um vocabulário próprio de cada profissão, mas também porque vivemos um bom tempo da nossa vida nos preparando pra ela.

Professores gostam de pensar que são motores disso. E talvez até sejam de fato o principal motor, mas não o único e não do todo. Ser profissional não é apenas um conhecimento, mas também uma sabedoria, um amadurecimento. Os anos da faculdade, doces e céleres, ficam para sempre na memória. Quem é professor sabe, já foi aluno, de tudo o que circunda as aulas e que é tão importante na formação: o convívio com os colegas no campus, as festas, as tardes ou noites no Centro Acadêmico, os trabalhos em grupos, as aulas experimentais, a militância no movimento estudantil, os projetos de extensão e de pesquisa. E, sim, também os flertes, as ilusões e desilusões.

Oras, oras, eu perdi dois anos; alguns dos meus alunos perderam metade da vivência universitária.

Outro dia, vieram ao campus pela primeira vez, depois de dois anos com aulas online, com todas as consequências disso: perda de foco, desinteresse e mesmo aumento de transtornos psicológicos. Conheceram, na vida real, colegas que só conheciam de imagens numa tela. Vimos, pelos campi, festas de encontro de calouros, que se vêm pela primeira vez, mas com alunos que já estudavam juntos há quatro semestres ou EREs.

E, agora, eles se preparam para ser veteranos, para receber os sortudos que não vão precisar viver a pandemia. São adultos precoces, forçados a amadurecer sem viver o suficiente para tal. E a cena vai se repetir: os filhos da pandemia mostrando, aos recém-chegados, o campus, as salas, o centro acadêmico, os projetos, os laboratórios, as festas.

Eles chegaram ontem, hoje estão sorrindo para oferecer a experiência que tiveram pela metade. Precisam do carinho da cada um de nós e, sim, também de apoio institucional. Eles ainda estão aqui, felizes de estarem, vivendo cada minuto da metade que não lhes foi roubada.

Mário Messagi Júnior é jornalista e professor universitário

EXPEDIENTE

DIREÇÃO DO SETOR DE COMUNICAÇÃO E DESIGN
Regiane Regina Ribeiro

CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Carla Rizzoto

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Mário Messagi Júnior

PROFESSORES-ORIENTADORES
Criselli Montipó
Hendryo André

DISCIPLINAS
Laboratório Multimídia de Jornalismo II
Laboratório de Jornalismo II – web e impresso

EDITORES-CHEFES
Catherine Grein
Isabela Stanga
Leticia Ribeiro

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL
Isabela Stanga, Louize Lazzarim, Murilo Bernadon e Roger Souza Castro (Voluntariado Acadêmico)

REVISÃO FINAL
Isabela Stanga e Catherine Grein

PAUTA E EDIÇÃO
Ana Cristina Gomes da Silva, Bruna Durigan, Camila Lima, Catherine Grein, Eduardo Magalhães, Enzo Labre, Giovana Frioli, Guilherme Lara da Rosa, Hiago Rizzi Zanolla, Joana Giacomassa de Oliveira, Lara Maoski, Letícia Ariele de Moraes, Leticia Ribeiro, Luísa Mainardes, Maria Eduarda Veloso, Mônica Tayna Ferreira dos Santos, Rafaela Rasera, Robson Delgado, Thaysla Neves e Vitor Hugo Batista de Oliveira

EQUIPE DE REPORTAGEM
Antônio Zappa, Cecilia Sizanoski Sanchez, Chananda Lipszyc Buss, Deyse Carvalho, Juliana Sehn, Luís Henrique Pacheco, Rafael Moura Schmeiske, Rafaela Moura do Nascimento e Thiago Fedacz Anastacio

JORNAL COMUNICAÇÃO é um veículo produzido por estudantes do curso de Jornalismo da UFPR. Artigos e opiniões contidos nesta edição são de inteira responsabilidade de seus emissores.

NOVO ANORMAL

Chananda Lipszyc Buss é estudante de jornalismo

Universidade Federal do Paraná
Setor de Artes Comunicação e Design (Sacod)
Departamento de Comunicação Social (Decom)
Rua Bom Jesus, 650 - Juvevê, Curitiba - PR
Telefone: (41) 3313-2019
E-mail: decom@ufpr.br

TIRAGEM: 1 MIL EXEMPLARES

JornalComunicacaoUFPR
JornalComunicacao
jorlab2019@gmail.com

JORNALCOMUNICACAO.UFPR.BR

Estão disponíveis alguns complementos da produção do jornal pelo sistema **QR Code**. Há aplicativos de leitura disponíveis nos sistemas IOS e Android. Basta procurar por QR Code na loja de aplicativos. Toda vez que você encontrar um símbolo similar a este à esquerda, você pode ver vídeos, fotos, sites ou redes sociais. Leia a Jornal Comunicação com o celular em mãos. No link ao lado, você fica por dentro de tudo o que acontece no site do jornal.

SOCIEDADE

Quando é difícil sair de casa e encarar o mundo

Restrições, perdas e luto levam a dificuldades de estabelecer relações espontâneas presenciais

Foi difícil ficar em casa. Agora, é difícil sair. Com o avanço da vacinação contra a covid-19 e a consequente volta gradual às atividades, pessoas têm enfrentado dificuldades ao pisar fora de casa e retomar suas vidas "no presencial".

De acordo com a pesquisadora mineira Fabiane Rossi, um estudo desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) observou que 50,6% dos participantes relataram estar ansiosos ou nervosos com frequência durante a pandemia.

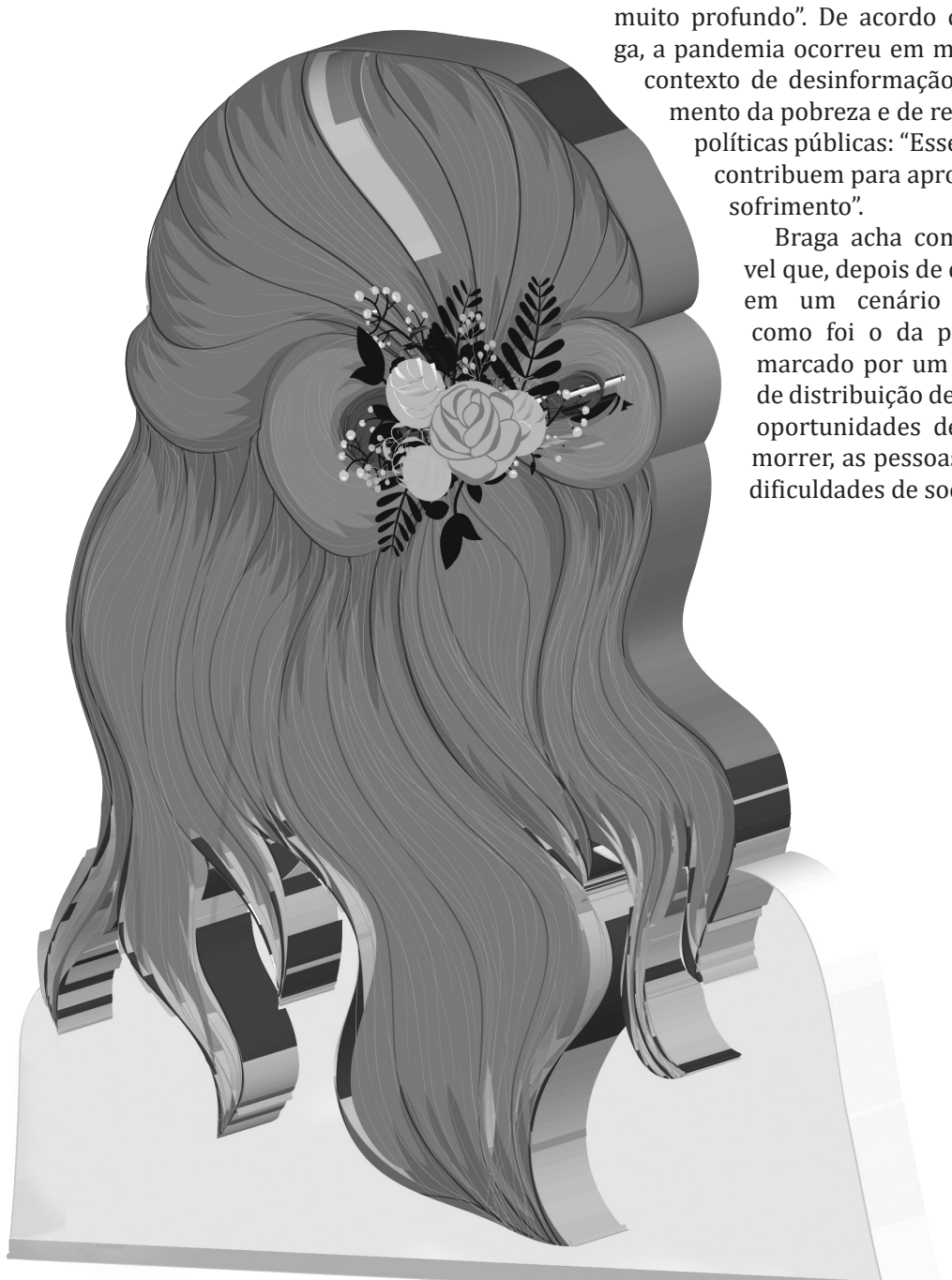
Maria Vicente, por exemplo, tem 23 anos, é farmacêutica e estudante de psicologia. Ela relata que sua experiência durante a maior parte da pandemia não foi a de distanciamento social, justamente por sua profissão colocá-la na linha de frente do combate ao vírus. Além disso, conta que o medo de contrair a covid-19 fazia com que desejasse voltar para casa a todo momento.

Apesar de ser diagnosticada com ansiedade generalizada antes da pandemia, se considerava uma pessoa bastante sociável. "Já estava controlada, era só ansiedade. Mas, a partir da pandemia, fui me isolando e comecei a ter pânico social", afirma. "Não consigo conversar com ninguém. Não conheço de vista nem metade da minha turma da universidade porque não levanto a cabeça". Ela também diz ainda ter bastante medo da contaminação. Usa máscara e pretende continuar usando para se proteger contra a infecção do coronavírus.

Para o psicólogo Pedro Braga, as relações sociais hoje estão associadas a questões de impaciência e irritabilidade com a pandemia. "As pessoas viveram e vivem um período longo de privações e luto. Tudo isso tem um significado, que muitas vezes leva à dificuldade de estabelecer um vínculo espontâneo. O indivíduo vai criar relações não a partir de um lugar de saúde emocional, mas a partir do lugar de quem está há anos vivendo restrições", explica.

Segundo ele, dificuldades como as de Maria Vicente são também uma questão de geração: "Talvez a gente não consiga dar a dimensão disso, até porque emocionalmente a gente não consegue lidar com tudo, mas é um impacto geracional muito profundo". De acordo com Braga, a pandemia ocorreu em meio a um contexto de desinformação, de aumento da pobreza e de redução de políticas públicas: "Esses fatores contribuem para aprofundar o sofrimento".

Braga acha compreensível que, depois de dois anos em um cenário violento como foi o da pandemia, marcado por um contexto de distribuição desigual de oportunidades de viver e morrer, as pessoas tenham dificuldades de socializar.



POSSIBILIDADES

O psicólogo acredita que algo que pode servir a todos é ter paciência. "A gente precisa de tudo agora, ao alcance de um clique, e muitas vezes não respeitamos os processos que vivemos".

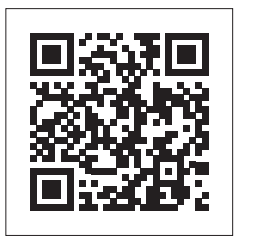
Maria Vicente aprendeu um exercício com a consultoria psicológica que sua universidade oferece para frear crises de pânico: a técnica 5 4 3 2 1. "Primeiro, você precisa olhar ao redor e listar cinco coisas que pode ver; depois, quatro coisas que consegue ouvir; três objetos que pode tocar, como o tecido da camiseta ou os dedos do pé dentro do tênis; em seguida, dois cheiros, o do travesseiro; e por último, consiga algo que você pode provar, como um gole de água", conta a estudante.

Ela também entende que de nada adianta se cobrar. O retorno à sociabilização pode levar anos. É preciso ter paciência consigo mesmo e com os outros. O psicólogo Pedro Braga reforça: "A gente não precisa se inserir nessa lógica de produtividade, porque essas coisas vão acontecendo na medida do tempo e, principalmente, das condições coletivas que construímos".

Rafaela Moura e **Antonio Zappa**

Serviço

A UFPR oferece o projeto ConVIDA, que discute e auxilia na prevenção de problemas de saúde mental, aproximando e promovendo o bem-estar das pessoas. Para saber mais, acesse: http://convida.ufpr.br/portal



Arte dá novos sentidos às ruas de Curitiba

Improviso e aprendizado de novas técnicas marcaram o período de isolamento de artistas

Wellington Manoel Cruz é taxista e diariamente estaciona na Travessa Nestor de Castro, no Centro de Curitiba, em frente a um dos painéis do muralista curitibano Poty Lazzaroto. "Tudo o que é referente ao Poty é muito legal. Artista curitibano, né?", diz o motorista, de 43 anos. Wellington costuma reparar nas artes urbanas da cidade e acredita que elas impactam a vida das pessoas porque agradam e alegram o ambiente.

Quem circula pelas ruas de Curitiba atravessa murais que contam a história da capital, celebram diferentes culturas e prestam homenagem a variados grupos. São grafites, painéis, lambe-lambes, estênceis e adesivos. Esse movimento artístico ajuda a compor a estética do espaço urbano e coloca a arte em evidência para quem estiver passando. Michael Devis é autor de mais mil murais presentes em todos os estados do Brasil e em mais de 15 países. O artista procura justamente trazer leveza em seus trabalhos. "Na minha arte, tento levar coisas que as pessoas se sintam bem: cores vivas, alegres, coisas que reflitam de uma forma que elas se sintam bem", relata Devis.

Segundo o professor especialista em geografia humana da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Marcos Alberto Torres, a arte urbana é uma forma de democratização da arte e um respiro no cotidiano. "A arte se torna acessível a todos e todas de maneira indistinta, sem filtros de classe ou qualquer outro", afirma.

ARTE NAS RUAS, QUARENTENA NOS LARES

A pandemia restringiu a circulação pelas ruas e afetou todos os setores da sociedade. De acordo com uma pesquisa da plataforma Semrush, com o início da crise, as ações das companhias aéreas caíram em média 19,1%. Enquanto serviços de hotéis, resorts e linhas de cruzeiros estavam paralisados, diversos eventos culturais foram cancelados e o sistema de saúde entrou em colapso não só para o tratamento da covid-19, mas para outros serviços de rotina, segundo estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Os artistas de rua passaram a trabalhar em ambientes internos, como escolas e faculdades. Formado em Artes Visuais na Faculdade de Artes do Paraná (FAP), Paulo Auma faz parte do grupo de risco da covid-19, assim como a mãe e a esposa que moram com ele. Com uma válvula aórtica mecânica no coração, o pintor, de 52 anos, toma todos os cuidados possíveis até hoje. Durante o período mais crítico da pandemia, Auma trabalhou por meses pintando em uma escola, mas ele reconhece a diferença: "O grafite diz mais respeito a uma essência e a um estilo de vida do que a uma técnica. O grafite tem a essência e a força de ser algo que você não está ligado a ninguém, você está ligado mais às suas ideias ou à rua."

Já para Michael Devis, o período de pandemia acabou sendo o seu melhor momento artística e financeiramente. Ele explica que antes da crise sanitária conciliava os trabalhos comerciais, pelos quais era remunerado, e os trabalhos autorais que fazia nas ruas. Durante a quarentena, devido às medidas de distanciamento social, o artista passou a focar apenas em trabalhos comerciais, o que contribuiu para que ele passasse por um período bastante rentável, além de aprender novas técnicas.

De acordo com o professor Alberto Torres a pandemia impactou diretamente no trabalho e na renda dos artistas que tinham as ruas como espaço de trabalho e reforça: "Eles tiveram que se afastar dos espaços públicos para garantir a sua saúde e a da população, atendendo às normas de distanciamento social". Com a vacinação em massa avançando, o professor é otimista: "Esperamos que, em breve, as ruas possam se tornar, novamente, locais de encontro das pessoas com a arte, e que ela possa voltar a dar novos sentidos aos lugares e às paisagens".

Fotos: Chananda Lipszyc Buss e Juliana Sehn

Largo da Saúde
A obra é uma homenagem às vítimas do novo coronavírus, oficialmente responsável, até o fechamento desta edição, pela contaminação de quase 30 milhões de brasileiros e mais de 661 mil mortes no país, 8,2 mil delas só na cidade de Curitiba. Composto por painéis com obras do artista sergipano Antônio Maia, ao lado, também há um painel com o poema *Dos nossos medos* do escritor uruguaio Eduardo Galeano

Confluência
Graffiti realizado pelo artista curitibano Marciel Conrado, no Projeto de Apoio e Incentivo à Cultura da Fundação Cultural

Bekokolari
Pintado por Rimon Guimarães, mural é inspirado na tela *Bekokolari*, cujo nome em dialeto africado significa "a grandeza não é o que se vê com os olhos"

As Mocinhas da Cidade
Homenagem ao casal caipira paranaense Nhô Belarmino e Nhá Gabriela. A fonte grava trechos da música *As Mocinhas da Cidade* e os desenhos são de Fernando Canalli

Imagens da cidade
Produzido pelo artista curitibano Poty Lazzarotto, é considerado o maior mural de cerâmica do Brasil. Mostra o desenvolvimento de Curitiba a partir de fases, símbolos e imagens da capital

Percorra murais da cidade

É possível encontrar em Curitiba diversos murais com técnicas de grafite, azulejo, colagens e estêncil. Os desenhos se espalham em variados formatos e contam diferentes histórias. As repórteres Chananda Buss e Juliana Sehn visitaram oito deles. Aponte seu celular para o QR-code e confira uma galeria de fotos dos murais, bem como os endereços das obras

Chananda Lipszyc Buss e **Juliana Sehn**

De volta à sala de aula

Dados do IBGE apontam que um a cada cinco jovens entre 14 e 29 anos não concluiu a educação básica em 2020

O programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) retomou em outubro as atividades presenciais nas 48 unidades espalhadas por Curitiba. Nos primeiros meses deste ano, o retorno impactou de maneira positiva o aprendizado e a socialização dos alunos. O EJA atende jovens e adultos que não terminaram ou sequer começaram os ensinos Fundamental e Médio. A maioria das aulas é ofertada em período noturno, para que os estudantes possam ajustar a rotina aos estudos.

Em 2020, um a cada cinco jovens entre 14 e 29 anos não concluiu a educação básica (ensinos fundamental e médio), de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dentre eles, 71,7% são negros. No total, o Brasil possui 11 milhões de pessoas que não dominam plenamente a leitura e a escrita.

Neste contexto, o EJA tem papel significativo na educação, já que reintroduz essa parcela de jovens e adultos ao ambiente escolar. O programa, contudo, foi afetado negativamente em razão da pandemia. A Escola Municipal Vila Torres, localizada no Prado Velho, por exemplo, interrompeu as aulas devido à crise sanitária. Segundo a diretora Mônica Korte, os professores conseguiram se adaptar às circunstâncias pandêmicas. "Eles foram enviando atividades aos alunos, que resolviam e mandavam de volta para correção. As dúvidas eram sempre tiradas por WhatsApp. Buscamos ao máximo não deixá-los sem apoio e auxílio", comenta.

Segundo o educomunicador do projeto social Viração, Pedro Neves, que trabalha com jovens periféricos no Rio de Janeiro, a suspensão das aulas presenciais foi uma alternativa para permitir o cumprimento do calendário escolar, criando problemas de aprendizado. "As principais barreiras do online são a dificuldade com a conexão – internet de qualidade – e a realização de atividades em grupo. No mundo virtual, a distância física dificulta as interações entre os jovens", argumenta. O profissional percebe uma alegria geral da juventude em retomar as atividades presenciais, pela facilidade de comunicação e também pela maior integração entre os colegas.

É o que relata a aluna do EJA de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, Mônica Presner Ramos. A jovem teve que parar de estudar aos 17 anos por conta de dificuldades financeiras. Agora, retomou o segundo ano do Ensino Médio. "Mesmo que ainda estejamos na pandemia, as aulas presenciais têm sido bem eficientes. Acredito que antes não tenha sido assim, porque muitos trabalham e as aulas online exigem uma boa conexão com a internet, mas há pessoas sem acesso", conta.

ACESSO À INTERNET

Mais de 80% da população com mais de dez anos têm internet em casa, segundo pesquisa divulgada em 2020 pelo Comitê Gestor da Internet. No entanto, isso não significa que a qualidade da rede seja boa ou que os cidadãos possuam um dispositivo cada um. Assim, o ensino presencial apresenta a vantagem de ser mais acessível para a população de baixa renda.

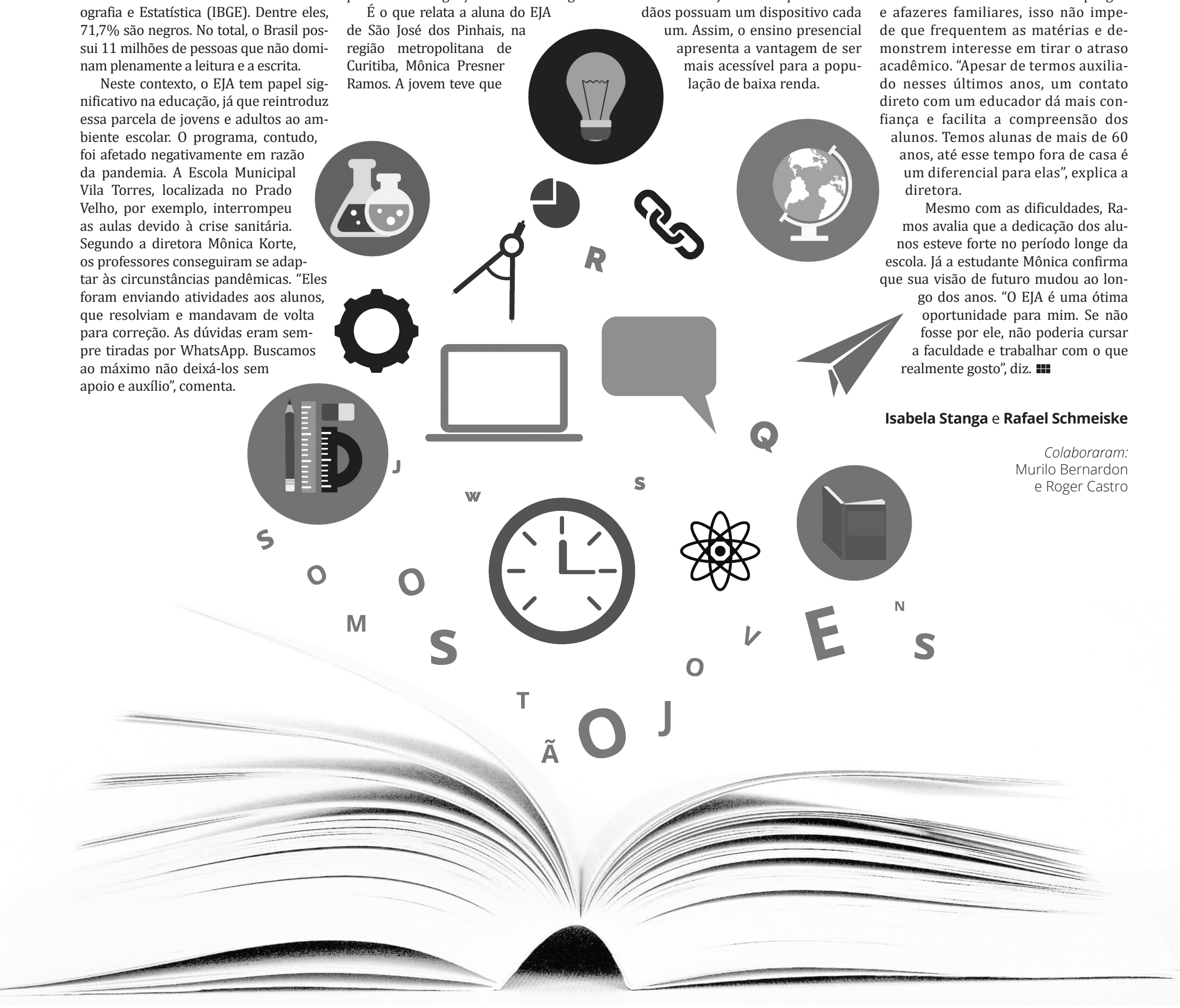
Antes da pandemia, a evasão dos alunos do EJA já era alta. Conforme dados do Censo Escolar de 2019, 3.577 alunos abandonaram as escolas no ensino fundamental (1,31% do total), 4.926, no ensino médio (6,1%) e 6.386 na Educação de Jovens e Adultos (EJA) (32,88%). Ainda não existem informações sobre o período pandêmico, mas os desafios de estudar em casa podem ter incentivado os estudantes a largarem o curso.

Na Escola Municipal Vila Torres, o retorno dos estudantes às salas de aula vem se mostrando positivo para a formação. Mesmo que precisem conciliar as aulas com os empregos e afazeres familiares, isso não impede que frequentem as matérias e demonstrem interesse em tirar o atraso acadêmico. "Apesar de termos auxiliado nesses últimos anos, um contato direto com um educador dá mais confiança e facilita a compreensão dos alunos. Temos alunas de mais de 60 anos, até esse tempo fora de casa é um diferencial para elas", explica a diretora.

Mesmo com as dificuldades, Ramos avalia que a dedicação dos alunos esteve forte no período longe da escola. Já a estudante Mônica confirma que sua visão de futuro mudou ao longo dos anos. "O EJA é uma ótima oportunidade para mim. Se não fosse por ele, não poderia cursar a faculdade e trabalhar com o que realmente gosto", diz.

Isabela Stanga e **Rafael Schmeiske**

Colaboraram:
Murilo Bernardon
e Roger Castro



TRABALHO

Trabalho presencial

Flexibilização recente das medidas sanitárias exige adaptações no ambiente profissional. Trabalhadores dizem preferir formatos híbridos

Seja por saudade dos amigos, saúde mental ou designação da empresa, a realidade é que grande parte dos trabalhadores brasileiros está voltando ao trabalho presencial. Com a volta aos espaços, as preocupações com as medidas sanitárias ficam em evidência e o debate entre as vantagens e desvantagens dos formatos de trabalho se tornou efervescente.

De acordo com dados da auditora do mercado de capitais KPMG, no final de 2021, 66,2% das empresas já tinham reimplementado o trabalho presencial. Tal avanço foi permitido devido à vacinação do público maior de 18 anos, já na fase da segunda dose contra a covid-19. De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil fechou 2021 com 90% do público-alvo da campanha vacinado e cerca de 16 milhões de pessoas com a segunda dose, possibilitando o retorno das atividades presenciais.

O criador de conteúdo Pedro Pinheiro faz parte do grupo que prefere o formato presencial. Pedro acredita que além de o presencial ser um formato de trabalho mais democrático, ele permite a conexão com as pessoas. "Quando eu escolhi essa profissão a conexão com as pessoas era algo que me chamou atenção (...) para você ter uma boa conexão você precisa estar de frente com a outra pessoa batendo um papo de horas. O on-line resumiu isso em 15 ou 20 minutos", completa.

Assim como Pedro, 58% dos brasileiros que pretendiam voltar ao formato presencial alegam sentir saudades dos colegas e das conexões feitas por meio do trabalho. A pesquisa feita pela empresa de pesquisa de mercado e opinião pública Ipsos, em 19 países, ainda aponta outros motivos pela preferência ao retorno presencial: a falta de engajamento (41%) e produtividade (38%) no ambiente doméstico, além do aumento do nível de exaustão (35%).

Os resultados apontam que seis a cada dez brasileiros preferem o *home office* ou o formato híbrido de trabalho. Cristiano Soares da Silva Júnior, programador, viu no trabalho remoto uma vantagem. "Eu gosto da comodidade que o home office dá, é possível trabalhar em um canto familiar que te deixa mais confortável, além de que qualquer imprevisto do dia a dia é mais fácil de ser resolvido", diz.

Já para o professor e redator publicitário, Lenizio do Amaral Guntzel, trabalhar no ambiente das empresas ainda é a melhor opção. "Prefiro o presencial, porque o remoto faz eu cobrar mais de mim, como se as pessoas achassem que estou em casa sem fazer nada", conta. Apesar de gostar do contato direto no trabalho, o professor relata que a insegurança faz parte da rotina: "Não me sentia nada seguro, os alunos não fazem muita questão de se cuidar, não usam álcool em gel e não há distanciamento pela superlotação das salas de aula", declara.

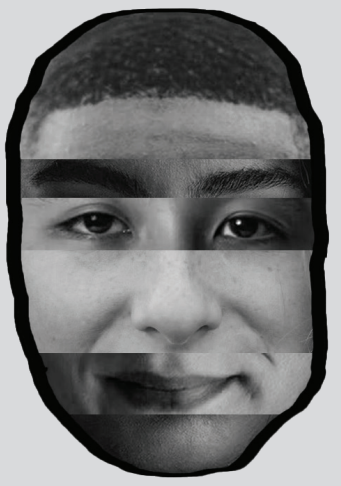
Uma das maiores preocupações com o retorno das atividades presenciais é como adaptar os locais de trabalho para manter as medidas sanitárias. Na empresa onde Fernanda Chanquini, 22 anos, trabalha na área de RH, ainda não há uma perspectiva de retorno 100% presencial. De acordo com a profissional, as medidas foram se tornando cada vez mais brandas. "No começo tinha o distanciamento das mesas, um número menor de pessoas que iam para o escritório, mas depois, quando foi liberado a capacidade máxima de pessoas que podiam ir, a gente só tirou o distanciamento", informa.

Thiago Anastacio e **Deyse Carvalho**

Trabalhadores da área de serviços, especialmente aqueles que têm contato direto com o público, também demonstram preocupação com o relaxamento nas medidas sanitárias:

Maicon Ribeiro da Costa
29 anos, vendedor
"Está bem mais flexível. A galera não está mais se cuidando, não está tendo os cuidados que tinha antes"

Stefanie de Souza
22 anos, ajudante geral
"No começo tinha tudo aquilo: máscara, luva, viseira, depois foi relaxando só com a máscara"



Emily Ribeiro de Paula
21 anos, caixa
"Se tivéssemos usado a máscara certinho, poderíamos ter tirado elas antes"

João Pedro Faria
23 anos, vendedor
"A gente não estava pronto para retomar a vida normal da forma como foi. Acho que deveria ter esperado um pouco mais"

Mudanças na lógica do trabalho

Uma pesquisa realizada pela administradora de escritórios compartilhados WeWork, com 2 mil pessoas, em 2021, revelou que a experiência com o trabalho remoto durante a pandemia trouxe alguns aspectos positivos, capazes de ditarem uma lógica de trabalho híbrido. Três a cada dez respondentes destacaram a maior possibilidade de socialização a partir do trabalho híbrido.

53%
desejam trabalhar fora de casa três dias por semana ou menos

50%
avaliam que a jornada de trabalho na empresa deva ser de cinco horas

Apenas 6% dos participantes disseram não haver benefícios em iniciativas de trabalho híbrido. Os demais destacaram:

62%
Melhor equilíbrio entre vida pessoal e profissional

45%
Possibilidade de passar mais tempo em família

48%
Economia com transporte e menos estresse no ambiente de trabalho

Entre os empregadores, apenas 4% disseram não encontrar benefícios no trabalho híbrido. Aumento de produtividade, custos mais baixos com espaços físicos e facilidade para gerenciar funcionários remotamente são aspectos destacados pelos empregadores.

49%
Maior produtividade, ocasionada pela flexibilidade e liberdade de escolha

32%
Facilidade de gerenciar funcionários remotamente

24%
Custos imobiliários mais baixos e facilidade para atrair novos talentos

Fonte: Agência Senado

Do sofá ao parque

Pesquisa da Fiocruz revela que dois a cada três brasileiros deixaram de praticar esporte durante pandemia. População retoma atividades físicas em espaços públicos

As restrições impostas pelos protocolos sanitários de prevenção à covid-19 impossibilitaram também a prática esportiva em espaços públicos. Porém, a necessidade de distanciamento social não impediu algumas pessoas de buscarem atividades para realizar em casa. A estudante de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Stephany Streit, começou a fazer dança do ventre durante o período de isolamento. Essa, no entanto, não é uma realidade compartilhada pela maioria dos brasileiros.

Segundo o Projeto ConVid, uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) que avaliou o impacto da pandemia na saúde de jovens de 12 a 17 anos em 2020, 62% dos 44.062 entrevistados deixaram de fazer qualquer exercício durante a pandemia. Mesmo aqueles que praticavam esportes antes da crise sanitária foram obrigados a interromper as atividades regulares por causa do isolamento. Foi o caso do estudante de Agronomia da UFPR Eduardo Muniz, que tinha o costume de jogar futsal, mas precisou parar. "Durante o isolamento, eu não praticava nada porque as quadras estavam fechadas e era tudo muito rigoroso no começo", diz.

As consequências da paralisação repentina de exercícios refletem também no bem estar das pessoas. O professor do Departamento de Educação Física da UFPR, Paulo Cesar Bento, explica que existe uma diversidade de problemas de saúde associados ao estilo de vida sedentário, como diabetes, hipertensão e doenças cardiometabólicas. "Elas são preveníveis com um estilo de vida mais ativo", comenta.

O professor também explica que apenas fazer exercício não é suficiente para ter uma vida ativa, porque as pessoas podem continuar com um comportamento sedentário mesmo tendo as atividades físicas inseridas na rotina. "Mesmo praticando exercícios físicos diariamente, a pessoa ainda pode passar oito horas por dia sentada. O correto é manter o nível da atividade física regular e ao mesmo tempo reduzir esse tempo sedentário", aponta.

OPORTUNIDADES E CUIDADOS NA REOCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS

O avanço da vacinação e a redução no número de mortes pela doença permitiram que, desde o final de 2021, houvesse a diminuição gradual das medidas de prevenção à covid-19, como a reabertura dos espaços sem limitação de público e, agora, o fim da necessidade de distanciamento e da obrigatoriedade do uso de máscaras. Tal mudança de cenário possibilitou o retorno à prática de atividades físicas em locais como parques, quadras e academias.

Entretanto, o retorno das atividades requer adaptações pensando na biossegurança, como afirma Paulo Bento. O docente pretende implementar medidas que outros profissionais da área estão adotando. "Vamos evitar grupos muito grandes e indicar o uso de máscara, mesmo que agora não seja mais obrigatório, para que os alunos continuem protegidos e possam proteger os outros", explica.

Apesar de todos os cuidados, a volta às atividades nos espaços públicos é vista de forma positiva por quem fazia os treinos em casa, como Streit. Ela afirma que se sente mais motivada para praticar quando interage com outras pessoas na academia. Muniz diz o mesmo sobre quando voltou a jogar futsal com os amigos: "Agora que os esportes estão voltando, eu vejo que estou tendo um rendimento melhor a cada vez que jogo", declara.

No entanto, como defende Bento, é necessário mais do que ter um espaço que permita a atividade. O docente explica que, para que as pessoas tenham uma rotina ativa, são necessárias iniciativas que estimulem e facilitem a prática esportiva. Para ele, o site da Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC), o Curitiba em Movimento, é um exemplo positivo de ação que fomenta a atividade física. A plataforma permite ao usuário buscar por turmas gratuitas de diversas modalidades esportivas, para diferentes faixas etárias, que são oferecidas pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer.

Cecilia Sanchez e **Luís Henrique Pacheco**

Serviço

Para quem prefere se exercitar do próprio jeito e só busca um espaço para as atividades em Curitiba, é possível encontrar diversas quadras públicas e academias ao ar livre. Escaneie o Código QR e confira a localização delas no mapa interativo